

Devastação preocupa o BIRD

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

Entre 1982 e 1986 o Banco Mundial (BIRD) desenvolveu um programa de proteção ambiental e indígena num valor de US\$ 70 milhões na região de Carajás. Todo o esforço feito está sendo hoje minado por uma política oficial do governo: dar incentivos ao desmatamento para sustentar a produção de ferro-gusa.

Esse exemplo foi citado pela antropóloga e economista Maritta Koch-Weser, do BIRD, em entrevista sexta-feira a jornalistas latino-americanos, ao citar os problemas que o banco vem enfrentando para implementar programas de preservação do meio ambiente no Brasil. Sua avaliação geral não foi pessimista em relação à disposição de maior atenção a esta área, mas ela enfatizou a dramaticidade de algumas situações.

O BIRD passou a dar mais atenção, recentemente, às questões ambientais e Maritta faz parte de um departamento específico para cuidar da elaboração de projetos e políticas ambientais, com cinquenta a sessenta técnicos. O Brasil é o país com maior número de projetos de proteção ambiental com o BIRD na América Latina. Tem sido também, contudo, o maior alvo de críticas de entidades preservacionistas com relação à atuação do BIRD.

Aqui em Berlim, um "contra-congresso" paralelo à reunião anual do

BIRD e do FMI está discutindo exatamente a questão de meio ambiente e o tema de abertura foi a devastação da Amazônia e a contribuição de políticas do BIRD para isso. Maritta mesmo concordando com a preocupação central desse encontro, desmontou algumas das suas críticas mais ásperas.

Criticou-se, por exemplo, o BIRD pelo apoio a vários projetos (Transamazônica, Itaipu, Tucuruí, Balbina e Projeto Grande Carajás — que não se confunde com o projeto Carajás, da mina de ferro) que tiveram efeitos ecológicos desastrosos. Só que o BIRD não financiou nenhum desses projetos citados.

Outro tipo de crítica distorcida foi a ligação da devastação amazônica à necessidade de exportação do País, em razão da dívida externa, e de ocupação econômica rápida. Isso não tem acontecido: Maritta lembrou uma estimativa do próprio governo brasileiro de que, nos últimos anos, queimaram-se US\$ 5 bilhões em madeiras comercializáveis na Amazônia.

De outro lado, muitos dos desmatamentos acabam não resultando em qualquer aproveitamento econômico sério: a fertilidade das terras tende a cair aceleradamente em um ou dois anos. Em vistas disso, aliás, o BIRD está preparando um projeto para Rondônia que definirá zonas de aptidão agrícola, únicas onde serão feitos investimentos agrícolas, dada a fertilidade comprovada.